

## “O BRASIL NOS TEMPOS DO IMPERADOR”: AS RELAÇÕES ENTRE FICÇÃO, REPRESENTAÇÃO E DISCURSO NAS PERFORMANCES DO PASSADO PRESENTES NA TELENOVELA BRASILEIRA

Vitória Diniz De Souza\*

### Introdução

É inegável o sucesso das produções televisivas no Brasil, apesar de ainda serem pouco aproveitadas nas pesquisas historiográficas, elas são fontes privilegiadas que permitem perceber como a sociedade brasileira tem construído representações sobre si mesma ao longo do tempo.

As novelas e séries produzidas pelas emissoras nacionais têm construído imagens acerca do passado em suas narrativas, possibilitando a emergência de representações sobre a História que atingem um público amplo, maior que aquele alcançado pelo discurso acadêmico.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o lugar da ficção televisiva na produção de representações e discursos acerca do passado, tendo como objeto de estudo a telenovela “Nos Tempos do Imperador” (2021-2022). Essa novela foi exibida na Rede Globo, no horário das 18 horas, faixa de novelas dedicada as histórias consideradas mais leves e românticas, sobretudo, as “novelas de época”.

“Nos Tempos do Imperador” (2021) foi escrita pelos autores Thereza Falcão e Alessandro Marson e tem como protagonista D. Pedro II, homem que foi imperador do Brasil entre 1840 a 1889. A história se passa no Rio de Janeiro entre 1856 a 1870, com algumas tramas retratadas também no Recôncavo Baiano, e teve o intuito de ficcionalizar fatos históricos conhecidos tendo esses personagens no centro da narrativa.

A história tem início em 1890, com D. Pedro II idoso em Paris, durante o exílio, lembrando o passado da época em que era imperador do Brasil. A partir desse momento, há

---

\* Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É professora efetiva da Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba (SEECT-PB).

um flashback para o ano de 1856, dando início a história que está sendo contada. Além de Pedro II, outras tramas são retratadas paralelamente. A primeira no Recôncavo baiano, mostra Pilar, personagem fictícia, uma jovem que sonha em se tornar a primeira médica do Brasil. Um acidente faz com que ela se apaixone por Jorge, um escravo fugido que se envolve na invasão de uma fazenda que termina com o assassinato de seu pai, o Coronel Ambrósio. Sem saída e com a ajuda da Condessa de Barral, Jorge passa a se chamar Samuel e foge para o Rio de Janeiro. É na capital do Império onde a história se desenvolve, a Condessa de Barral se torna preceptora das princesas imperiais e se apaixona por Pedro II que corresponde o sentimento. Esse amor encontra um obstáculo, pois os dois são casados e passam a viver um caso extraconjugal. Pedro II é representado como um homem progressista e idealista que procura ser o melhor governante para o Brasil, um país em construção.

Esse é um breve resumo da trama e tem sua história dividida em duas fases, a primeira aconteceu em 1856, retomando a narrativa em 1864, após oito anos, finalizando a trama em 1870. Essa data foi escolhida por ser o encerramento da Guerra do Paraguai (1864-1870), marco temporal utilizado pelos autores para terminar a narrativa. Essa novela ficou conhecida pelas polêmicas nas quais estava envolvida, recebeu críticas não somente do público, mas também de historiadores pelas performances do passado retratadas em sua narrativa acusada de distorcer fatos históricos.

A televisão tem tido um papel importante na construção de uma memória nacional, a partir da difusão de imagens e narrativas que, em sua maioria, privilegiam sujeitos e eventos históricos consagrados pela historiografia tradicional. Utilizando a narrativa histórica a sua maneira, a novela não tem o objetivo de fazer uma reconstituição do passado, embora se aproprie da memória coletiva para transformá-la em entretenimento, sem o compromisso, necessariamente, com as preocupações que permeiam a prática historiadora.

Isso não quer dizer que a historiografia não deva problematizar tais narrativas e seu impacto na construção da memória coletiva. Desse modo, estabelecendo o diálogo com os Estudos Culturais, pretende-se aqui refletir sobre os efeitos da mídia televisiva na construção de representações sobre a realidade, a partir da leitura de Stuart Hall (2016), bem como, entender a função enunciativa dessas representações em produzirem discursos sobre o passado e sobre a História, estabelecendo o diálogo com os estudos discursivos a partir da leitura de Michel Foucault (1999; 2008).

E assim, refletir sobre os efeitos das produções ficcionais televisivas na construção de narrativas acerca da História e as relações que estabelecem com o tempo presente, questionando as representações que produzem e as camadas discursivas que as permeiam.

### **“Nos Tempos do Imperador”: uma novela polêmica**

“Nos Tempos do Imperador” estreou em agosto de 2021, após o atraso de um ano na produção devido a eclosão da pandemia da COVID-19. A novela foi anunciada ainda em 2017, durante a exibição de “Novo Mundo”, trama escrita pelos mesmos autores e que se passava no mesmo universo ficcional. “Novo Mundo” (2017) contava a história de D. Pedro I, tendo sua construção narrativa baseada nos bastidores do processo de Independência do Brasil (1822). Essa novela foi a estreia de Thereza Falcão e Alessandro Marson como autores principais, tendo alcançado bons índices de audiência e de popularidade.

Enquanto isso, a novela sobre D. Pedro II estava prevista para ser exibida em 2020, porém, com o explosão dos casos de COVID-19 no Brasil neste mesmo ano, as gravações foram pausadas sem previsão de retorno. Em novembro de 2020, elas foram retomadas, com protocolos rígidos de segurança para evitar a contaminação da equipe.

Para ir ao ar, a emissora seguiu um rigoroso protocolo sanitário e um planejamento minucioso de gravações. Os atores foram colocados nos estúdios da emissora, seguindo uma série de regras. Além de camarins individuais, eles perderam algumas interações em cena - alguns beijos e cumprimentos foram cortados - e precisavam se higienizar constantemente - assim como os adereços de cena, de acordo com o Portal de Notícias Gauchazh (2021).

A trama foi a primeira novela inédita exibida pela TV Globo no contexto da pandemia.<sup>115</sup> A estreia ocorreu em nove de agosto de 2021, com 75 capítulos prontos, tendo as gravações sido finalizadas em outubro desse mesmo ano, embora sua exibição tenha durado até fevereiro de 2022, exibindo no total 154 capítulos. Havia grandes expectativas para o folhetim, além de ser inédito, era a continuação de uma outra novela popular.

Os autores já eram conhecidos como colaboradores de outras tramas de sucesso. Thereza Falcão fez Faculdade de Teatro na Universidade do Rio de Janeiro, passou para a TV Globo em 2001 como roteirista. Ela escreveu diversos programas infantis, como: “Sítio do Pica-Pau Amarelo” (2001-2007), “TV Globinho” (2000-2015), “Bambulúá” (2000-2001) e “O

---

<sup>115</sup> Durante 2020 e 2021 as emissoras decidiram reprisar títulos antigos como uma maneira de lidar com a ausência de produções inéditas que não podiam ser gravadas para evitar o risco de contágio do vírus da COVID-19.

Pequeno Alquimista” (2004). No ramo das novelas, ela colaborou no remake bem-sucedido de “O Profeta” (2005), das autoras Duca Rachid e Thelma Guedes, segundo o site Museu da TV (s/d).

Já o autor Alessandro Marson é formado em jornalismo pela PUC-SP e trabalha como roteirista na Rede Globo desde 2001, tendo participado como colaborador em “O Profeta” (2005), “Desejo Proibido” (2007) e no fenômeno “Avenida Brasil” (2012). Reconhecidos pelos seus trabalhos em outras novelas, tiveram a oportunidade de apresentar o projeto de “Novo Mundo” (2017), alcançando grande sucesso de público e de crítica.

O horário das 18 horas foi criado ainda na década de 1970 e ficou conhecido pelas suas tramas leves e pelos romances de época, como “A Escrava Isaura” (1976) e o mais recente sucesso “Êta Mundo Bom” (2016). A primeira novela dos autores, “Novo Mundo” (2017), se diferenciava dos romances de época do horário pelo enfoque na ficção histórica. Ou seja, os personagens e acontecimentos foram baseados em pessoas e fatos reais conhecidos da história nacional. Nas palavras da autora sobre as suas novelas históricas em uma entrevista para a Revista Contigo (2017): “São novelas que se propõem a contar a história do Brasil e falar de história é falar de política, não há como escapar. Mostrar paralelos entre o passado e o presente pode levar à reflexão, ao questionamento e à compreensão e isto pode ser transformador”.

“Novo Mundo” (2017) foi um sucesso de crítica e de público pela maneira que transformou fatos históricos em elementos da narrativa de um folhetim clássico, mesclando os gêneros de aventura, romance e comédia apesar dos temas políticos. Contudo, na sua reprise em 2020, durante a pandemia da COVID-19 a novela registrou um dos piores índices no horário das seis (NOTÍCIAS DA TV, 2022), o que comprova que a audiência de uma novela varia muito dependendo do contexto em que está sendo exibida.

No caso de “Nos Tempos do Imperador” (2021), diferente da antecessora, a novela adotou um tom mais dramático, com certa sobriedade. O enfoque na história de D. Pedro II não agradou ao público, sendo reconhecida como a pior audiência da história nessa faixa de horário de novelas. Além disso, envolveu-se em inúmeras polêmicas, a mais conhecida foi a insinuação da existência do racismo reverso<sup>116</sup> nas primeiras semanas do folhetim, que gerou forte indignação nas redes sociais.

---

<sup>116</sup> Racismo reverso é um conceito usado por grupos conservadores para nomear supostos atos de discriminação e preconceito perpetrados por minorias raciais ou grupos étnicos historicamente oprimidos contra indivíduos pertencentes à maioria racial ou grupos étnicos historicamente dominantes. Há um consenso do equívoco desse conceito usado para deslegitimar as discussões acerca do racismo.

Ao se inspirar na História do Brasil a novela foi acusada de distorcer fatos históricos e contribuir para a difusão de uma versão da história elitista e branca. (NOTÍCIAS DA TV, 2021). No encerramento da trama, foi publicada a notícia pela jornalista Monica Bérghamo da Folha de S. Paulo (2022) sobre uma denúncia, por parte de um dos grupos de atrizes que participaram da novela, acusando a produção de racismo nos bastidores, que contribuiu ainda mais para a reputação negativa do folhetim.

Entre o público paulista, a história protagonizada por Selton Mello teve 16,8 pontos de média, tendo sido sintonizada por menos de 30% dos televisores ligados em sua faixa de exibição. Ela foi a segunda novela do horário a alcançar esse feito, a primeira foi a reprise de “Novo Mundo” (2017), dos mesmos autores, com seus 29,5% entre março e agosto de 2020, conforme o site Notícias da TV (2022).

A crítica televisiva gerou opiniões em sua maioria negativas, Sérgio Santos do site TV História (2022), por exemplo, analisou a trama como uma repetição de situações da sua antecessora, “Novo Mundo” (2017), sinalizando a falta de carisma e identificação com os protagonistas e a passividade do núcleo principal, que apesar de serem a família imperial do Brasil, tinham pouco poder na história. Alguns dos núcleos foram considerados exitosos, sobretudo, a construção do vilão, Tônico Rocha, que inicialmente agradava ao público. Pensando o oposto, a jornalista Patricia Kogut, do site O GLOBO (2022), cita que o folhetim “vai deixar saudades” e “encantou com boa história e elenco maravilhoso”, avaliando com nota máxima. Aliás, a novela foi inscrita e conseguiu uma indicação no Emmy Internacional 2022, premiação televisiva na qual vários países estão concorrendo.

Entre a comunidade historiadora, a novela gerou muito desconforto e críticas pelo excesso de liberdade poética, de modo a desfigurar fatos históricos e comprometer a história do ponto de vista ético. O site Notícias da TV, após o caso do racismo reverso, publicou uma entrevista com a historiadora Simone Almeida (2021), pós-graduanda em História da Afrocultura Brasileira, no dia 26 de agosto de 2022, concedida a jornalista Isabel Mello. A historiadora explica que os roteiristas da novela se utilizaram de um recurso chamado historiografia positiva: “Eles retratam esses elementos históricos de forma heroica, ou seja, dom Pedro 2º é o mocinho”. A especialista apontou uma falha nesse aspecto “Acredito que, por questões éticas, os autores e produtores deveriam ter o mínimo de cuidado em não distorcer os contextos históricos” (ALMEIDA, 2021, s/p).

Uma das críticas mais contundentes, não somente por historiadores, mas também, por outros grupos políticos foi a questão da subrepresentatividade em relação as personagens negras/pretas: De acordo com Simone Almeida (2021): “Não é de hoje que as produções novelísticas, sejam elas de época ou não, procuram algum personagem negro 'invejoso', 'desdenhoso', 'vingativo'. Essa rivalidade é totalmente anacrônica e sem fundamento diante do contexto da época”. Essa situação citada pela historiadora é perceptível na novela “Escrava Isaura”, por exemplo, exibida em 1976, ou seja, há mais de 40 anos. Ela acrescenta que “Ao meu ver, os enredos das novelas da Globo não têm nada de inovador. Sempre seguem um padrão elitista e, mesmo tentando se adaptar, acabam fazendo de maneira desastrosa”.

O estranhamento é evidente ao assistir à novela, que ao mesmo tempo em que há todo um cuidado técnico em retratar a época representada de modo a trazer o máximo de realismo possível na construção estética, dentro dos limites do distanciamento temporal. Todavia, no quesito da construção do roteiro, há todo um esforço em construir uma imagem positiva da família imperial e de seus membros, adotando uma postura anacrônica ao associar o sistema monárquico brasileiro ao da democracia representativa contemporânea, como partes de um mesmo contexto político.

Sem deixar de citar, a maneira como retrata os escravizados e negros/pretos libertos, seja como objeto para a propaganda da benevolência da monarquia ou no apagamento de figuras históricas transformadas em fantoches da trama. Durante as chamadas da novela, ela se apresentava como uma viagem no tempo ao período em que D. Pedro II governava. A escolha do elenco foi feita com cuidado, trazendo como destaques Mariana Ximenes e Letícia Sabatella e marcando o retorno de Selton Mello às telenovelas, ator muito popular do cinema nacional.

As dificuldades metodológicas em pesquisar sobre televisão se apresentaram logo de início, sobretudo, devido à escassez de estudos sobre a teledramaturgia na área da História. Conforme, Marcos Napolitano (2015) isso é resultado da ausência de arquivos públicos destinados a memória da televisão, que muitas vezes fica restrita aos portais de notícias, como jornais e revistas, e aos arquivos privados destinados a comercialização.

Recentemente, a História Digital tem tido um papel importante na difusão desses materiais, sobretudo, de forma pirateada distribuída por perfis anônimos em grupos de fãs. Bem como, os próprios streamings fornecem o acesso a esse tipo de produto, entretanto, a partir do pagamento de uma taxa, tendo o direito de retirá-lo do catálogo quando bem entender.

Por isso, para fomentar essa discussão, é importante o uso de conceitos, teorias e métodos tanto da área da comunicação, como dos estudos históricos. Até mesmo, pela escassez de pesquisas sobre a TV, os estudos sobre cinema-história (FERRO, 1992; BARROS, 2014) foram necessários para o desenvolvimento desse trabalho sob um olhar interdisciplinar, permitindo a problematização da narrativa televisiva e dos modos de construção ficcional.

Ismael Xavier (2004) usa o conceito de teleficção para definir as formas de produção de ficção para a TV, como as minisséries, séries e novelas. Em sua análise sobre a minissérie “Anos Dourados” (1985), ele aponta alguns aspectos importantes em relação as ficções históricas produzidas para a televisão e o seu cunho moral pedagógico característico do folhetim melodramático. Podemos perceber tal característica também em “Nos Tempos do Imperador” (2021), que em toda sua campanha de marketing destacava o papel da trama em narrar a história do Brasil. Observando o desenvolvimento da ação dramática e seus desdobramentos ao longo dos capítulos, percebemos o cunho moralista pedagógico, no sentido de atribuir um certo sentido a história humana em uma relação dicotômica do bem *versus* o mal.

José Assunção de Barros (2014), ao comentar o conceito de Cinema-História, criado por Marc Ferro (1992), reflete sobre as complexas relações entre a História e o universo cinematográfico que pode ajudar a problematizar também as relações entre história e televisão. De acordo com José Assunção de Barros, o cinema como forma de expressão cultural especificamente contemporânea - fornece fontes extraordinariamente significativas para os estudos históricos sobre a própria época em que foi produzido. Além disso, o Cinema também é um meio de representação, através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, seja um mundo imaginário livremente criado pelos autores.

No entanto, essa liberdade de criação possui limites dentro das regras de verossimilhança e das expectativas das produtoras e da recepção do público. No caso das novelas essa situação é mais evidente, pois é uma obra aberta, escrita e produzida enquanto está sendo exibida. Os casos de tramas que tiveram seu desenvolvimento modificado por causa da reação do público são inúmeros. Embora, “Nos Tempos do Imperador” (2021) diverge dessa lógica, pois foi produzida no contexto da pandemia da COVID-19, na qual as novelas eram exibidas completamente gravadas, como uma maneira de evitar atrasos das gravações devido as complicações no cronograma de produção.

As decisões dos autores e produtores sobre a execução da novela não é ingênua e reflete as relações sociais e históricas do tempo e do contexto em que foi produzida e exibida.

De acordo com Marcos Napolitano (2015) “[a televisão] interfere na concepção de tempo histórico e nas formas de fixação da memória social sobre os eventos passados e presentes (NAPOLITANO, 2015, p. 252). Mesmo sendo ficção, tais imagens se inserem no imaginário coletivo e contribuem para a construção de narrativas acerca do tempo.

Portanto, é de grande importância a análise do conteúdo televisivo para compreender as representações presentes na TV e seus desdobramentos na sociedade. Devido ao tipo de registro e difusão dos produtos culturais seu impacto alcança níveis de repercussão que podem durar por séculos, se diluindo em diferentes épocas, espaços e culturas.

### **As relações entre ficção, história, representação e discurso na televisão:**

*O discurso histórico e o ficcional podem se aproximar, mas não se confundem. Quando um permeia o outro, perde sua identidade originária para assumir o estatuto do outro. A diferença de atuação do narrador entre um e outro permite ao narrador da ficção desnudar e até denunciar a própria ficcionalidade, enquanto o narrador da história deve ser sempre fiel à posição de historiador. A verossimilhança da ficção não é a mesma da história (WEINHARDT, 2011, p. 25).*

Os estudos que analisam as relações entre História e Literatura também podem ajudar a problematizar a ficção histórica produzida para TV. No trecho acima, Marilene Weinhardt lembra que as regras da ficção não são as mesmas da História, por isso, não é justo usar os mesmos critérios na crítica dessas produções. No entanto, quando os criadores decidem mesclar esses dois gêneros narrativos distintos, em que um discurso permeia o outro, as regras da verossimilhança também se misturam.

Quando uma obra ficcional se utiliza do discurso histórico, mesmo sabendo que é uma livre ficção, há uma expectativa por parte da audiência na busca de marcas e referências do passado retratado na obra. Por isso, os criadores possuem certos limites que precisam ser respeitados. Em “Nos Tempos do Imperador” (2021) foram tecidas intensas críticas pela falta de realismo histórico na novela.

O objetivo aqui não é discutir se a obra foi ou não realista, até porque essa não é a função da ficção. Entretanto, é preciso problematizar o seu lugar na construção de narrativas sobre o passado. Por isso, essas reflexões são baseadas nos pressupostos dos Estudos Culturais.

Os eventos tradicionalmente conhecidos pela historiografia são inspirações para a criação de inúmeros romances. No entanto, para que seja crível, os autores precisam convencer a audiência de que há verossimilhança em relação à época retratada. “Nos Tempos do



Imperador” (2021) segue um caminho contraditório na construção da sua narrativa e da verossimilhança, colocando em xeque a aceitação por parte da audiência.

Por isso, a utilização da noção de representação para a análise da novela enquanto um produto cultural que produz sentidos sobre o real. E desse modo, conseguir compreender os seus efeitos na construção do imaginário acerca do passado. De maneira simples, é possível definir representação como um “processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem [...] para produzir sentido” (HALL, 2016, p. 108) por meio de signos que precisam ser interpretados e compreendidos de acordo com a lógica da cultura em que se insere.

Além disso, é preciso estar atento a não neutralidade da representação que funciona também como uma ferramenta na produção de discursos sobre o passado, por isso, o diálogo com os estudos foucaultianos. Assim, a abordagem discursiva permite entender como o conhecimento elaborado por um determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa e constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados (FOUCAULT, 1999, 2008; HALL, 2016).

Desse modo, interroga-se aqui sobre como o passado e a história são representados na televisão? Quais discursos perpassam essas representações? Não é à toa que nos mais de quinhentos anos desde a invasão portuguesa na América, dando início a colonização, os autores escolheram logo o período imperial como objeto de inspiração.

Segundo o site Notícias da TV (2021), os autores do folhetim afirmaram que tinham o interesse em construir uma trilogia imperial, a primeira foi “Novo Mundo” (2017), protagonizada por Pedro I, a segunda “Nos Tempos do Imperador” (2021), protagonizada por Pedro II e a terceira seria sobre a Princesa Isabel, a herdeira do trono até 1889<sup>117</sup>, porém, ainda não foi confirmada.

Houve um alto investimento na produção da novela, como diretor artístico foi escolhido Vinícius Coimbra que já tinha experiência na direção de novelas de época e já tinha trabalhado com os mesmos autores em “Novo Mundo” (2017). Para uma novela do horário das 18 horas, foi escolhido um elenco estelar, trazendo o ator Selton Mello para interpretar D. Pedro II. Ele não fazia novelas desde “Força de um Desejo” (1997) da Rede Globo, marcando assim o seu retorno, após construir uma carreira bem-sucedida no Cinema. Selton Mello ficou marcado por personagens extremamente populares, como é o caso de Chicó, um dos protagonista do filme O Auto da Compadecida (2000).

---

<sup>117</sup> É importante salientar que o Brasil é uma República desde 1889 e não existem mais títulos de nobreza.

“Nos Tempos do Imperador” (2021), diferente da maioria das novelas, tinha um narrador, posto assumido pelo protagonista, ou seja, a história estava sendo contada a partir da sua visão sobre os acontecimentos. Logo na abertura, D. Pedro II é mostrado como um líder popular, sendo ovacionado pelo povo. Mesmo que não haja indícios de que essa situação tenha realmente ocorrido, ela provoca o telespectador a construir um imaginário sobre o imperador. É possível interpretá-la como um modo de sinalizar o lugar reservado pela História a essa figura histórica que tem sido sempre lembrada a partir da sua exaltação. Não é o propósito da novela fazer uma crítica sobre essa representação, mas sim, reafirmá-la.

A abertura da novela serve para apresentar a história, elenco, autores e principais membros da produção. Geralmente, ela dura poucos minutos, apresentando um conjunto de imagens que servem para dar o tom da trama, sempre com uma música de fundo. Em “Nos Tempos do Imperador” (2021), elas aparecem como pinturas que funcionam como retratos do período em que se passa a novela.

O primeiro capítulo funcionou como uma apresentação da história, tendo início com a narração de D. Pedro II já idoso, em Paris, no ano de 1891, em meio a uma nevasca. Tal cena traz um tom melancólico sobre o período do exílio do antigo imperador. Nesse momento, ele passa a lembrar dos tempos em que era imperador do Brasil, seguindo o fluxo do pensamento do protagonista, a trama volta no tempo, para o ano de 1856, onde aparecem D. Pedro II e imperatriz Tereza Cristina viajando com cientistas para observar as paisagens brasileiras. Na cena seguinte, aparece uma fazenda no Recôncavo Baiano mostrando o que seria o enterro do pai da Condessa de Barral, personagem que seria o interesse amoroso do imperador.

Esse capítulo serviu para marcar o ponto de início da história, trazendo um certo clima de nostalgia e tristeza, ao mesmo tempo em que as cenas são construídas para mostrar quem são os protagonistas, seus desejos e valores. Os diálogos e as cenas retrataram um Pedro sensível, preocupado com os rumos da nação, enaltecendo a natureza e explicando que o seu objetivo de vida era pôr fim a escravidão. Nesse momento, há um certo estranhamento, pois a postura diplomática de D. Pedro II em relação a abolição da escravidão, é interpretada aqui como um comportamento antirracista, o que provoca um certo anacronismo.

O jornal O Estadão publicou em 2020 uma notícia sobre a checagem de mentiras que circulavam sobre a família imperial brasileira e que funcionavam para enaltecer seus membros. Entre elas, uma afirmava que no ano de 1848, Pedro II teria apresentado uma lei de abolição da escravatura, mas que teria sido rejeitada pelo Congresso. Porém, essa notícia é falsa, mas foi

compartilhada em inúmeros grupos e ainda circula em sites na internet, como é o caso do Portal Ambiente Legal que publicou essa mentira em treze de maio de 2022, dia em que se comemora a Lei Áurea. Essa representação acerca da família imperial apresentada pela novela entra em consenso com as mentiras vinculadas na internet, tentando associar a monarquia como a responsável pela garantia de direitos a população afro-brasileira, quando, na verdade, foram fruto da luta de outros grupos sociais.

Além desse caso, ainda no primeiro capítulo os autores criaram um encontro entre D. Pedro II e Solano López, conhecido ditador paraguaio. Nesse encontro Solano López faz uma ameaça de invasão ao Brasil que se concretizaria com a dramatização da Guerra do Paraguai (1864-1870) no final da novela. Entretanto, esse encontro nunca existiu e foi usado na narrativa para justificar a participação do Brasil na guerra e criar uma rivalidade entre os dois governantes.

Na tentativa de criar uma imagem de D. Pedro II como um homem pacífico e que odiava conflitos bélicos, eles fazem uma distorção significativa sobre o contexto de eclosão da Guerra do Paraguai que estava relacionado as tensões diplomáticas na região do Rio da Prata, não existindo evidências de que houvesse um suposto interesse imperialista de Solano López sobre o Brasil, como apresentado na novela (NEHER, 2015).

O folhetim teve muitos problemas em fazer um retrato do Brasil no Segundo Reinado, apesar do esforço dos autores. Em parte, isso foi decorrência da maneira como se apropriaram dos inúmeros discursos que circulam sobre esse contexto histórico, sejam os presentes em pesquisas historiográficas e biográficas que nem sempre entram em consenso, ou as mentiras difundidas por grupos pró-monarquistas. Por ser um personagem bastante estudado, existem diversas visões sobre quem foi o imperador.

Há uma certa idealização da família imperial no Brasil, em parte difundida por pró-monarquistas e nostálgicos, que veem na existência de um Império brasileiro um sinal de um passado glorioso. O foco desse trabalho não é fazer uma discussão historiográfica sobre o Império brasileiro no imaginário social, mas é um questionamento interessante, ainda mais no contexto das redes sociais.

Utilizando as especulações acerca da vida amorosa e familiar da família imperial, os autores transformam esses personagens históricos em uma família burguesa. Romances, traições e paixões não correspondidas, situações clássicas de um folhetim, são grande parte do enfoque

da trama. É assim que funciona o triângulo amoroso entre D. Pedro II, a Condessa de Barral e a imperatriz Teresa Cristina.

Além disso, os autores constroem uma representação da família imperial como unidos, amorosos, caridosos, defensores da população afrodescendente e bastante críticos em relação a desigualdade social e as estruturas coloniais. Contudo, essa situação novamente parece anacrônica, não o fato de serem amorosos, mas de serem críticos em relação as estruturas coloniais, até porque a monarquia simbolizava a manutenção desse sistema. Assim, para solucionar esse problema, os autores decidiram construir a personalidade da família imperial como pessoas que deveriam cumprir um papel na sociedade, mesmo quando não queriam estar nessa posição. Ou seja, transformara-os em meros objetos sem nenhum poder de escolha ou decisão.

O tema da representatividade reivindicada pelos movimentos negros ao longo da história, é trazida pela trama na tentativa de contar uma história antirracista. As atrações televisivas recentemente têm buscado trazer personagens históricos que saiam da lógica colonial e eurocêntrica. Essa tentativa é explícita na criação de um dos núcleos da história, a Pequena África, baseada em comunidades negras que existiram no Rio de Janeiro no século XIX. O personagem responsável por conectar esse núcleo ao do império foi o personagem Jorge/Samuel, amigo de D. Pedro II e morador da comunidade.

Todavia, essa tentativa fracassa, primeiro pelo constrangimento do público que rejeita esses personagens, que não geram identificação com a comunidade negra contemporânea. Além disso, as escolhas narrativas dos autores em trazer a negritude para a novela, cria um problema, personagens negros submissos, estereotipados e sem nenhuma representatividade histórica concreta, pois não há entre eles nenhum personagens negro/preto que tenha realmente existido.

A impressão é de que esses personagens foram criados apenas para serem usados no desenvolvimento na trama da família imperial. Um dos casos mais emblemáticos é o apagamento da existência de André Rebouças, engenheiro e político que ficou conhecido pela amizade com a família imperial e pela sua atuação no movimento abolicionista. Ele serviu como inspiração para a criação do personagem Jorge/Samuel, porém, o problema é que ao apagarem ele da história - um homem negro livre - substituíram-no por um homem escravizado que só conquista o seu diploma de engenheiro graças a bondade e ao incentivo de D. Pedro II.

Stuart Hall (2016) e Bell Hooks (2019) apontam em suas bibliografias como a branquitude construiu representações raciais sobre a população negra/preta, apagando o legado desse grupo. Durante séculos, negros/pretos foram submetidos a imagens estereotipadas sobre suas culturas e seus corpos. Sendo assim, a novela reatualiza tais imagens, a partir de um discurso paternalista no qual reverencia a figura de D. Pedro II e de sua filha, a princesa Isabel, como os redentores preocupados com a libertação de um povo negro submisso.

A decisão em centralizar a discussão abolicionista entre os membros da família imperial, mesmo que não haja evidências de que isso tenha ocorrido de fato, novamente, permite questionar a verossimilhança da narrativa em relação a realidade que está sendo representada. A novela se tornou uma ferramenta de propaganda de uma versão da história na qual D. Pedro II é apresentado como um herói nacional, bem intencionado, bondoso, pacífico, sem ambições. Essas qualidades são superinfladas com o propósito de passar uma imagem de um heroísmo democrata, antirracista e feminista que é em si mesma anacrônica.

A qualidade técnica da novela, seja na composição da fotografia, criada de modo a passar a sensação de que o telespectador estava assistindo um Brasil sem energia elétrica, bem como, na construção dos cenários e nas referências que fazem ao tempo retratado. Passa uma ideia de seriedade e compromisso que ludibria o telespectador e disfarça o seu descompromisso com o contexto representado.

É notável que houve pesquisa e consultoria por parte da produção da novela para compor os detalhes do folhetim, seja no desenvolvimento da direção de arte, como na criação do roteiro. Entretanto, sobretudo, no roteiro, os autores se atrapalham e misturam mentiras com fatos históricos, sem o compromisso em esclarecer para o público o que era o que.

Um discurso recorrente nas representações construídas ao longo da trama sobre D. Pedro II era de que ele simbolizava um ideal da “boa política”. Um herói bem intencionado, honesto, sem interesses escusos, um homem discreto e sem luxos. Essa ideia surgiu, aparentemente, a partir da leitura das biografias sobre o personagem que exaltavam o fato dele ser um homem austero e bem distante das imagens de luxo presentes nas Cortes europeias.

Tal imagem colide com o imaginário contemporâneo do bom político, que ganhou destaque durante a recente crise política brasileira, iniciada a partir dos movimentos de junho de 2013 e agravada com o processo de Impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016 (SILVA, 2018). É nesse contexto também que movimentos antidemocráticos surgiram, marcados pelos revisionismos históricos e até mesmo movimentos pró-monarquistas que

elegeram como deputado federal pelo estado São Paulo no ano de 2018, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, conhecido como príncipe e membro da linha de sucessão de D. Pedro II.

Por isso fica o questionamento, porque buscar no passado um herói contemporâneo? Retomando discursos da historiografia tradicional que priorizava a história dos grandes homens, ao invés do homem ordinário, como lembra Michel De Certeau (1998). Porque essa história é escolhida para ser contada? Lembrando que existe todo um mercado literário sobre D. Pedro II, que ajuda a criar essa imagem idealizada dessa figura histórica e oferece mais material para os autores se basearem.

De qualquer modo, ela continua a valorizar uma história elitista, branca e excludente que dialogou bem com setores mais conservadores. Ao mesmo tempo, que procurou trazer uma história mais diversa, acrescentando elementos da história do povo negro/preto brasileiro, porém, falha em como representa esse passado.

### Considerações finais

A ficção televisiva tem tido um papel importante na construção de uma cultura histórica no Brasil, decidindo transformar em obras audiovisuais fatos históricos da historiografia brasileira. No entanto, isso não quer dizer que não tenham sido alvo de críticas pelas representações que constroem sobre o passado e sobre a história do país.

Compreender que a ficção não tem o compromisso em ser realista, não significa abrir mão de uma ética e do compromisso com a verossimilhança. Sobretudo, com o perigo de distorcer fatos históricos e manipular a história com o propósito de difundir a visão de mundo de um grupo social, em detrimento de outros.

É importante entender a responsabilidade social das produtoras televisivas em relação aos produtos que elas exibem, sobretudo, em um período de desinformação e revisionismos históricos. Tais produções podem ser usadas para a perpetuação de opressões e preconceitos, bem como, servir de combustível para grupos políticos extremistas.

Não é de hoje que o público exige histórias mais diversas e menos centradas em personagens históricos já cristalizados no tempo. Apesar das tentativas recentes, certos vícios permanecem, ainda mais que, o lugar da autoria ainda prevalece, sendo esse espaço ocupado majoritariamente por pessoas brancas, pertencentes a uma elite intelectual.

Não deve-se ignorar que toda obra ficcional constrói representações sobre a realidade, produzindo sentido sobre ela, gerando impacto sobre as sensibilidades e subjetividades da

audiência. Representações que produzem discursos, julgamentos de valor, modos de dizer e de compreender certos objetos. Se relacionando com o poder: de dizer, de impor normas, de normalizar certos sujeitos e silenciar outros. Ela está relacionada com a invenção e a validação de subjetividades, construindo regimes de verdade.

Nesse texto, não foram esgotadas as possibilidades de análise dessa obra, por isso a importância de novos olhares, para desse modo, ampliar os estudos sobre as formas de ficção histórica presentes na novela brasileira. A crítica historiadora deve também ocupar esses lugares de questionamento e promover a construção de uma cultura histórica mais abrangente, inclusiva e menos elitista.

### Referências

ALMEIDA, S. Entrevista concedida para Isabel Mello do Portal Notícias da TV. Racismo reverso e 'negra invejosa': Nos Tempos do Imperador reforça equívocos. *Notícias da TV*, 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv-uol-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/noticiasdatv.uol.com.br/mobile/noticia/novelas/licenca-poetica-ou-desservico-historiadora-fala-sobre-nos-tempos-do-imperador-poetica-ou-desservico-historiadora-fala-sobre-nos-tempos-do-imperador-64059> Acesso em: 12/09/2022.

ANDRADE, V. Nos Tempos do Imperador é a novela das seis com pior audiência da história. *Notícias da TV*. 03 fev 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/nos-tempos-do-imperador-e-novela-das-seis-com-pior-audiencia-da-historia-74518> Acesso em: 04/11/2022.

BARROS, J. A. Cinema-História: múltiplos aspectos de uma relação. *Dispositiva*. v. 3, n. 1, pp. 17-40, 2014.

BERGAMO, M. Globo recebe denúncia de racismo nas gravações de 'Nos Tempos do Imperador'. *Folha de São Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/02/globo-recebe-denuncia-de-racismo-nas-gravacoes-de-nos-tempos-do-imperador.shtml>. Acesso em: 12/09/2022.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONTIGO. Autores de 'Nos Tempos do Imperador' e 'Novo Mundo' planejam novela sobre princesa Isabel: "Pode ser transformador". *Contigo*. 05 ago. 2021. Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/novelas/autores-de-nos-tempos-do-imperador-e-novo-mundo-planejam-novela-sobre-princesa-isabel-pode-ser-transformador.phtml> Acesso em: 03/11/2022.

FERRO, M. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAUCHAZH. "Nos Tempos do Imperador": como a novela inédita das seis está sendo gravada durante a pandemia? *Gauchazh*. 09 de ago. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2021/08/nos-tempos-do-imperador-como-a-novela-inedita-das-seis-esta-sendo-gravada-durante-a-pandemia-cks4x5r090015013bb7ewwx7n.html> Acesso em: 05/11/2022.

GLOBOPLAY. *Nos Tempos do Imperador*. Rio de Janeiro, 2021-2022, 154 capítulos. Telenovela. Disponível em: [www.globoplay.globo.com](http://www.globoplay.globo.com) Acesso em: 05/11/2022.

HALL, S. *Cultura e representação*. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

IMDB. Alessandro Marson. **IMDb**. s/d. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm1297783/> Acesso em: 05/11/2022.

KOGUT, P. *Nota 10*. 05 fev. 2022. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/notas-kogut/nota-10/9513.html> Acesso em: 05/11/2022.

MUSEU DA TV. Thereza Falcão. *Museu da TV*. s/d. Disponível em: <https://www.museudatv.com.br/biografia/thereza-falcao/> Acesso em: 05/11/2022.

NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 235-289.

NEHER, C. Historiadores reescrevem a Guerra do Paraguai. *D. W. made for Minds*. 01 mai. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ap%C3%B3s-150-anos-historiadores-reescrevem-a-guerra-do-paraguai/a-18419656> Acesso em: 05/11/2022.

NOTÍCIAS DA TV. Racismo reverso e 'negra invejosa': Nos Tempos do Imperador reforça equívocos. *Notícias da TV*, 2021. Disponível em: <https://noticiasdatv-uol-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/noticiasdatv.uol.com.br/mobile/noticia/novelas/licenca-poetica-ou-desservico-historiadora-fala-sobre-nos-tempos-do-imperador-poetica-ou-desservico-historiadora-fala-sobre-nos-tempos-do-imperador-64059> Acesso em: 12/09/2022.

PINHEIRO, V; COELHO, G. Post viral distorce informações sobre família real brasileira. *Estadão*. 06 nov. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/post-viral-distorce-informacoes-sobre-familia-real-brasileira/> Acesso em: 05/11/2022.

SANTOS, S. 10 equívocos que explicam o fracasso de Nos Tempos do Imperador. *TV História*. 05 fev. 2022. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/10-equivocos-que-explicam-fracasso-nos-tempos-do-imperador/> Acesso em: 05/11/2022.

SILVA, D. P. Junho de 2013: crítica e abertura da crise da democracia representativa brasileira. *Revista Maracanan*. N. 18, 2018, pp. 83-110.

TELEDRAMATURGIA. Nos Tempos do Imperador. *Teledramaturgia*. s/d. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/nos-tempos-do-imperador/> Acesso em: 12/09/2022.



WEINHARDT, M. *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

XAVIER, I. Do senso moral-religioso ao senso comum pós-freudiano: imagens da história nacional na teleficção brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004, pp. 47-73.

